

## A RELIGIÃO E SUA BASE DE LEGITIMAÇÃO

<sup>1</sup>Elaine Cristina Alves da Costa Savalli

Na vida humana entende-se uma realidade que, por não vir pronta da natureza como a do mundo biológico dos animais, precisa ser construída pelos homens. Uma realidade peculiar, na qual Berger explica nos seguintes termos:

Como os outros mamíferos, o homem está *em* um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa *fazer* um mundo para si (1985:18).

Mais adiante ele afirma que o homem, *“Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura”* (1985:19).

O homem ao nascer é inserido no mundo onde irá começar a desenvolver-se biologicamente e culturalmente. O mesmo depende, pelo menos, de dois ambientes para sobreviver: o natural, que é considerado o particular, o familiar; cujo espaço irá adquirir traços característicos de sua linhagem e o segundo ambiente que é o sócio-cultural, onde o indivíduo irá criar laços sociais observando que será impossível viver isoladamente. Este é o quadro da realidade básica a ser vivenciada por todo ser humano.

A análise da realidade definida por Berger permite um acercamento do cotidiano, por que é na vida diária onde a imagem é mais visível e reconhecível. Diante disso, é passível o conhecimento de comportamentos humanos na dinâmica social como também verificar os mecanismos de socialização que levam o ‘equilíbrio’ do cotidiano determinado pelo sentido comum, é a lei comum das relações sociais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais, na UFRN. Integrante da disciplina “Religião e Religiosidade”, ministrada pelo prof. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

O indivíduo aparece como produto de um espaço social que é construído dialeticamente, depurada pelo consenso de seus atores culminando na identidade da estrutura social.

Mas como obter esse consenso após vários diálogos, argumentos e dissensos? É preciso algo que potencialize para se ter o mínimo de opiniões em harmonia. A base para a aceitação social objetivada está na legitimação.

Berger define como:

Por legitimação se entende o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o “porquê” dos dispositivos institucionais. (1985:42)

Os discursos legitimadores ajudam a sustentar os mundos humanos. Contudo, a legitimação não garante a manutenção do mundo, estando ela só; é preciso que haja condições na estrutura da sociedade para que a mesma tenha efeito. A legitimação só terá validade se houver uma estrutura de plausibilidade, ou seja, de aceitação social. Não basta que as respostas legitimadoras sejam repetidas indefinidamente. É preciso que a sociedade esteja estruturada para que essas respostas façam sentido. Quanto melhor a estrutura de plausibilidade da sociedade, mais explicações virão à tona acerca do mundo e conseqüentemente menos discursos legitimadores são necessários para a sua manutenção. Uma boa estrutura de plausibilidade resiste às anomias sociais, às guerras, enfim aos problemas que norteiam o mundo.

A religião também tem sua base legitimadora. Existe uma importante relação entre elas. De acordo com a história, a religião foi o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, isso se deve ao fato de que a legitimação religiosa fundamenta a ordem social em origens que transcendem a história e o homem. *“Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida.” (p. 45)*

Segundo Berger, a religião faz parte do mundo criado pelo homem, como também da cultura estabelecida por uma comunidade de homens ou, antes, por uma sociedade, já que existe mais um acordo do que uma essência comum entre os indivíduos que compõem essa sociedade.

Berger entende a cultura como o produto da atividade e da consciência humanas. E a religião entra em cena como o meio necessário para a manutenção desse mundo. Para Berger: *“Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”* (1985:15).

O mundo socialmente construído pelos homens se apresenta estruturalmente muito menos sólido do que o mundo biológico dos animais: *“Todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários”*. (1985:42). Daí surge a necessidade de unir esforços para que se mantenha o mundo humano. Essa manutenção é realizada através de discursos legitimadores, sendo o discurso da religião o mais eficaz para tal tarefa. *“A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas”* (1985:45).

O fato de a cultura ser uma nova ordem ou um mundo construído a partir de um momento histórico específico representa uma preocupação a respeito de sua legitimação:

Se um indivíduo se imagina um fundador de sociedades consciente de seu papel, algo como uma combinação entre Moisés e Maquiavel, poderia ser colocada a seguinte questão: como se poderia assegurar a conservação dessa ordem institucional, nesse momento estabelecida *ex nihilo*? Em termos de poder existe uma resposta óbvia a essa questão. Mas se se imagina que todos os meios de poder tenham sido empregados, todos os opositores destruídos, todos os meios de coerção à nossa disposição tenham alcançado um resultado positivo e que tenham sido tomadas todas as medidas razoáveis para a transmissão de poder aos sucessores

designados, ficará ainda por resolver o problema de legitimação mais urgente, devido à novidade e à muito sabida precariedade da nova ordem. (BERGER, 1999. p. 45-46).

Em outras palavras: como convencer uma sociedade da validade de uma nova ordem, se não há nada que lhe sirva de base legitimadora? A resposta de Berger é que se há de considerar que “*a ordem institucional seja interpretada de modo que oculte seu caráter de algo construído*” (1999:46), de modo que pareça sempre ter existido e para sempre passível de existir; supostamente perfeito; algo divino. Que acreditem que pondo em prática os programas institucionais realizem os seus desejos e se harmonizem com a ordem fundamental do universo. A partir dessas afirmações Berger consegue estabelecer legitimações religiosas.

A religião situa as instituições num quadro de referência sagrado e cósmico. A legitimação religiosa relaciona a realidade humana como única definida numa coletividade humana. As atividades humanas apesar de contraditórias recebem a aparência de inevitabilidade, firmeza e durabilidade de suas construções ganhando, na visão de Berger, o *status* cósmico.

Na prática, as instituições mudam à medida que as exigências da sociedade mudam, portanto, estão sempre em ameaça devido à dialética que compõem a realidade. Mas as legitimações cósmicas são aceitas como óbvias passando por cima das contingências humanas e históricas, permitindo ao indivíduo ter um senso de retidão moral nos papéis que deve desempenhar na sociedade. E quando se vai contra essa ordem imposta, é, todavia, “*aliar-se às forças primevas da escuridão*”. É arriscar-se numa irrealidade, por que este ser errante não pode sobreviver isolado, é preciso o respaldo social para poder manter vivas as contradições do mundo, que geram os questionamentos.

Mas como devem nascer as legitimações religiosas? Afirma Berger que nascem das atividades humanas que se tornam cristalizadas em seus significados e que tem como consequência uma tradição religiosa. A religião então serve para manter a realidade do mundo que foi socialmente construído pelo homem que vive cotidianamente. Ela tem a função de tornar compreensíveis as situações que a realidade vai colocar em dúvida, essas situações são consideradas 'marginais', por que não estão inseridas na sociedade.

Na mente contraditória do indivíduo passam situações duvidosas a cada instante. *“A realidade da vida de cada dia é, portanto, continuamente envolvida por uma penumbra de realidades imensamente diferentes.”* (1985:55). A religião serve para entrosar as realidades invasoras e obscuras na realidade da vida cotidiana. Mantém a harmonia da vida real legitimando as situações marginais tornando-as sagradas e aceitas pelo universo. Assim, o indivíduo continua a existir na sociedade, no seu 'antigo' mundo, sabendo que seus questionamentos têm sentido e significa algo para si e para os outros. Desse modo é possível a manutenção de uma base social para continuar a existência humana com um mundo que é real para seres humanos reais.

As atividades humanas que a sociedade produz também produz a religião, esta deriva a realidade objetiva e subjetiva dos homens e para mantê-la é necessário resolver um problema de “engenharia social”, pois para manter a sua religião o ser humano deve manter uma estrutura adequada de plausibilidade.

No caso de uma situação de pluralidade de sistemas religiosos, Berger faz uma analogia geográfica, comentando que a manutenção desses sistemas,

...envolve a proteção dos limites territoriais de cada estrutura de plausibilidade (sendo a fronteira militar entre os dois mundos igualmente uma fronteira cognoscitiva), estendê-los se possível (através de Cruzadas e Guerras Santas) e a manter controles

eficazes sobre os desviados dentro dos respectivos territórios (1985:62).

A manutenção de um sistema religioso é de tal importância na realidade socialmente construída, que os esforços da sociedade, que é a base responsável para uma estrutura plausível pode resolver o problema com elevada probabilidade de sucesso. Berger afirma que isso não pode ser possível quando há sistemas religiosos diferentes em competição pluralística. Mas ainda assim, a 'engenharia social' tem o seu papel de construir e manter sociedades que podem servir "*de estruturas de plausibilidade para os sistemas religiosos desmonopolizados*". (1985:62). É importante manter íntegra a estrutura de plausibilidade para um mundo socialmente construído, pois justifica as guerras mais violentas contra todas as estruturas adversárias.

Enfim, a religião tem algo de eterno e sobrevive a todos os símbolos e estruturas. Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar os sentimentos e idéias coletivas, pois juntas constituem unidades de pensamentos e ações. Isso só pode ser obtido através de momentos de aproximação, pois haverá uma reafirmação em comum dos seus sentimentos afins.

"Quanto menos firme se torna, a estrutura de plausibilidade, mas aguda se tornará a necessidade de legitimações para a manutenção do mundo." (BERGER, 1985: 60)

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2000.